

**ANÁLISES ARQUETÍPICAS E A MAÇONARIA
ARCHETYPAL ANALYSES AND FREEMASONRY**Mauro Leray ¹

RESUMO: A pesquisa desenvolveu-se baseada na relação dos arquétipos e análises arquetípicas com a Maçonaria, especialmente no contexto das Lojas simbólicas brasileiras. O objetivo do artigo foi identificar se os maçons entendem as análises arquetípicas que fundamentam o processo de ensino-aprendizagem maçônica predominante nas Lojas simbólicas brasileiras. A pesquisa foi classificada, quanto à abordagem, pesquisa quali-quantitativa; quanto à natureza, pesquisa básica; quanto aos objetivos, exploratória e descritiva; quanto aos procedimentos, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo etnográfica. O universo estatístico foi baseado no número estimado de maçons ativos nas três principais obediências maçônicas atuantes no Brasil: 237.000 (duzentos e trinta e sete mil) membros. Com o objetivo de aumentar a margem de confiança e diminuir a margem de erro da pesquisa a apenas 2% (dois por cento), foi delimitado como amostra a quantidade de 2.500 (dois mil e quinhentos) membros. A pesquisa foi construída via Google Forms, utilizando a escala psicométrica de Likert. Como resultados da pesquisa, foi possível verificar a ausência de nivelamento básico sobre o tema no âmbito das Lojas simbólicas brasileiras, o que dificulta a internalização das analogias e associações arquetípicas dos símbolos e alegorias maçônicas.

Palavras-chave: Maçonaria. Arquétipos. Análises arquetípicas.

ABSTRACT: The research was based on the relationship between archetypes and archetypal analysis with Freemasonry, especially in the context of Brazilian symbolic lodges. The objective of the article was to identify whether masons understand the archetypal analyses that underpin the predominant Masonic teaching-learning process in Brazilian symbolic lodges. The research was classified, in terms of approach, as qualitative-quantitative research; in terms of nature, as basic research; in terms of objectives, as exploratory and descriptive; in terms of procedures, as bibliographic research and ethnographic field research. The statistical universe was based on the estimated number of active masons in the three main Masonic obediences operating in Brazil: 237,000 members. In order to increase the margin of confidence and reduce the margin of error of the research to only 2%, the sample was limited to 2,500 members. The research was constructed via Google Forms, using the Likert psychometric scale. As a result of the research, it was possible to verify the absence of basic leveling on the subject within the Brazilian symbolic lodges, which makes it difficult to internalize the archetypal analogies and associations of Masonic symbols and allegories.

Keywords: Freemasonry. Archetypes. Archetypal analyses.

¹ Membro da Loja Ostlicht nº. 65, jurisdicionada a Grande Loja Maçônica do Estado do Maranhão. *E-mail:* mauro.leray@leray.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Durante a vivência maçônica depara-se, desde os primeiros momentos, com diversos símbolos e alegorias que destacam aspectos concernentes com a internalização dos valores e virtudes prodigalizadas pela instituição.

Minhas buscas me levaram, certamente, a inúmeras reflexões sem resposta e que desaguam em ainda mais questionamentos. Principalmente quando se debruça sobre os métodos de ensino-aprendizagem que se perpetuam, independente do país, jurisdição ou rito ao qual se pratica a maçonaria.

Ao identificar, em pesquisa anterior a esta, que os modelos de ensino-aprendizagem mais comuns utilizados pelos maçons nas Lojas simbólicas do Brasil são os modelos de aprendizagem por transmissão, com foco no *'ensinante'*, e de aprendizagem sociocognitiva, com foco no contexto ambiental e na imitação de comportamento, me deparei com indagações mais profundas, que tomo como problemas de pesquisa deste artigo.

É incontroverso que não é suficientemente esclarecedor descobrir como se dão os processos de ensino-aprendizagem sem que se conheça o entendimento médio sobre eles por parte dos indivíduos envolvidos e, ainda, qual o nível de aprofundamento sobre estas modalidades.

Como mais de 50% dos maçons brasileiros não reconhecem a detenção de conhecimento maçônico relevante por parte dos dirigentes de suas Lojas e demais mestres, tornando-os fontes de inspiração e consulta (OLIVEIRA, LERAY e FERREIRA, 2021), é preciso avaliar se estes têm conhecimento sobre como se dá o processo de aprendizagem sociocognitiva.

Na maçonaria, os ensinamentos simbólicos e alegóricos são puramente arquetípicos. Sobretudo quando utilizados a partir dos dois modelos de ensino-aprendizagem supracitados. Daí a extrema importância dos *'ensinantes'* ter a consciência disto.

Os arquétipos são imagens, símbolos e padrões universais que estão presentes no inconsciente coletivo da humanidade. Eles são representados por símbolos, mitos, lendas e narrativas que são compartilhados por diferentes culturas e civilizações. Ora, é justamente assim que a maçonaria compartilha seus ensinamentos.

Já a análise arquetípica é uma abordagem psicanalítica desenvolvida por Carl Jung que visa compreender a psique

humana através da identificação e interpretação de arquétipos.

A análise arquetípica tem sido usada em uma ampla variedade de contextos, incluindo psicoterapia, educação, arte e cultura. Ela pode ser usada para compreender a personalidade, o comportamento e a experiência humana.

Após este nivelamento e contextualização, voltemos aos questionamentos que balizarão esta pesquisa.

O primeiro deles, e talvez o mais importante é: os maçons com a missão de ensinar, nas Lojas simbólicas brasileiras, entendem as análises arquetípicas como base do processo de ensino-aprendizagem?

Antes mesmo deste questionamento, em verdade, tornar-se-á necessário investigar perguntas basilares não menos importantes direcionadas ao mesmo público etnográfico delimitador. Tais quais: a) Eles sabem o que são arquétipos? b) Reconhecem arquétipos nos ensinamentos maçônicos? e c) Reconhecem o arquétipo que lhes é atribuído como *'ensinantes'*?

O objetivo geral deste artigo, portanto, é identificar se os maçons entendem as análises arquetípicas que fundamentam o processo de ensino-aprendizagem maçônica predominante nas Lojas simbólicas brasileiras.

Justifica-se, assim, a escolha pelo tema a partir de dois indicativos de relevância. Mesmo considerando que este tema não é inédito, seu foco e delimitação os fazem relevante. O primeiro indicativo é a escassez de estudos focados no perfil etnográfico abordado e o segundo é a fundamental importância dos resultados aqui apresentados como base de futuros e mais aprofundados estudos sobre o tema.

Como critérios metodológicos fundamentais para garantir a cientificidade desta pesquisa, foram adotados: quanto à abordagem, pesquisa quali-quantitativa; quanto à natureza, pesquisa básica; quanto aos objetivos, exploratória e descritiva; quanto aos procedimentos, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo etnográfica.

Para tanto, a pesquisa embasou-se em publicações relevantes para o público etnográfico tratado, onde destacam-se Jung (2019), Bell (2021), Campbel (2002), Walton & Cohen (2007), Johnson (2022) e Robson (2019), dentre outros referenciados ao final do artigo.

2. FUNDAMENTOS DAS ANÁLISES ARQUETÍPICAS

As análises arquetípicas são um tipo de análise psicológica que se baseia na teoria dos arquétipos, desenvolvida pelo psicólogo suíço Carl Jung. Os arquétipos podem ser resumidos como padrões de pensamento e comportamento que são compartilhados por todos os seres humanos, independentemente de sua cultura ou época. Como citado no capítulo anterior, é importante reforçar que eles são representados por imagens, símbolos e histórias que aparecem em mitos, sonhos, arte e literatura.

Os arquétipos podem ser divididos em dois grupos principais: arquétipos pessoais e arquétipos coletivos. Os arquétipos pessoais são formados a partir das experiências pessoais de um indivíduo. Os arquétipos coletivos, por outro lado, são compartilhados por todos os seres humanos e estão presentes no inconsciente coletivo.

Uma análise arquetípica pode ser realizada de várias maneiras. Uma abordagem comum é a análise de conteúdo, que envolve a identificação de arquétipos em textos, imagens ou narrativas. Outra abordagem é a análise de sonhos, que envolve a interpretação de arquétipos em sonhos.

Segundo Jung (2019), Campbell (2002), Hillman (1989) e Woodman (1985), os fundamentos das análises arquetípicas podem ser resumidos nos seguintes pontos/premissas: a) a existência de arquétipos; b) a importância dos arquétipos para o desenvolvimento humano; e c) a possibilidade de acessar os arquétipos através da imaginação.

A primeira premissa, a existência de arquétipos, é aquela que baliza todas as demais ao afirmar que os arquétipos, como padrões de pensamento e comportamento, são universais e inatos. Portanto, segundo este fundamento, os arquétipos não são aprendidos, mas transmitidos geneticamente de geração em geração.

Jung (2019) baseou sua teoria na observação de que certos temas e imagens aparecem repetidamente em mitos, sonhos, arte e literatura de culturas diferentes e em épocas diferentes. Ele acreditava que esses temas e imagens eram a manifestação de arquétipos.

Por exemplo, o tema do herói é um arquétipo comum que aparece em mitos de todo o mundo. O herói é uma figura que embarca em uma jornada perigosa para derrotar um vilão e salvar o dia. O tema do herói é frequentemente representado por imagens de um jovem homem forte e corajoso que enfrenta um dragão ou outro monstro.

A teoria dos arquétipos tem sido objeto de um longo debate entre os psicólogos e psicanalistas. Alguns profissionais concordam com Jung no ponto em que os arquétipos são universais e inatos, enquanto outros acreditam que eles são simplesmente padrões aprendidos.

Existem algumas evidências que sugerem que os arquétipos podem, de fato, existir. Uma evidência é a semelhança de temas e imagens que aparecem em mitos, sonhos, arte e literatura de culturas diferentes e em épocas diferentes.

Outra evidência é a semelhança de experiências psicológicas que ocorrem em pessoas de diferentes culturas.

Por exemplo, muitas pessoas relatam ter sonhos em que caem ou são perseguidas. Esses sonhos são frequentemente interpretados como manifestações do arquétipo da sombra, que representa o lado negativo da personalidade.

A segunda premissa, a importância dos arquétipos para o desenvolvimento humano, assume que os arquétipos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento humano. São eles que nos fornecem modelos para entender o mundo ao nosso redor e para nos orientar em nossa jornada de vida.

Jung (2019) acreditava que os arquétipos são importantes para o desenvolvimento humano. Eles nos fornecem modelos para entender o mundo ao nosso redor e para nos orientar em nossa jornada de vida. Por exemplo, o arquétipo da mãe representa a figura materna, que fornece segurança e nutrição. O arquétipo do pai representa a figura paterna, que fornece orientação e disciplina.

Voltando ao exemplo do tema do herói, Jung acreditava que os arquétipos são importantes porque são eles que nos fornecem modelos para entender essas histórias e imagens. Por exemplo, quando uma criança ouve uma história sobre um herói, ela pode se identificar com o herói e

aprender sobre as qualidades de coragem, força e determinação.

Jung também acreditava que os arquétipos são importantes para o desenvolvimento humano porque eles nos fornecem orientação em nossa jornada de vida. Por exemplo, o arquétipo do mentor representa uma figura que nos ajuda a aprender e a crescer. O arquétipo da anima representa o lado feminino da personalidade masculina. O arquétipo do animus representa o lado masculino da personalidade feminina.

Sendo incontroverso que os arquétipos estiveram presentes nas mais variadas culturas diferentes e em épocas diferentes, reforçando a sua universalidade, é perfeitamente crível que eles, ao longo dos tempos, tenham desempenhado um papel importante na experiência humana.

Os arquétipos podem ser usados para entender os estágios da vida humana, o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos e grupos e os seus consequentes problemas psicológicos.

A terceira premissa, possibilidade de acessar os arquétipos através da imaginação, fundamenta-se na imaginação na como ponte entre o consciente e o inconsciente, onde os arquétipos residem.

Para tanto, Jung (2019) baseou sua teoria na observação de que a imaginação é um processo natural da mente humana. Ela está presente em sonhos, mitos, arte e literatura de todas as culturas. Jung acreditava que a imaginação é uma forma de acessar o inconsciente coletivo, onde os arquétipos estão armazenados.

Por exemplo, quando uma pessoa sonha com um dragão, ela pode estar acessando o arquétipo da sombra. O dragão é um símbolo de forças sombrias e reprimidas da personalidade. A pessoa que sonha com um dragão pode estar tentando compreender e integrar essas forças em sua consciência.

Jung também acreditava que a imaginação pode ser usada para curar e desenvolver a personalidade. Ele desenvolveu um método de terapia chamado imaginação ativa, que usa a imaginação para acessar o inconsciente coletivo e promover a integração dos arquétipos.

Além das abordagens reconhecidas como principais, dos autores Jung (2019), Campbell (2002), Hillman (1989) e Woodman (1985), existem outras formas de compreender a relação entre arquétipos e Maçonaria. Dentre estas abordagens

alternativas, de acordo com Neumann (1964), é possível considerar os arquétipos como representações das forças da natureza.

Por exemplo, o arquétipo do Sol representa a força vital, o arquétipo da Lua, por sua vez, representa a intuição e o arquétipo do Mar representa o inconsciente.

Na verdade, Neumann apresenta diversos elementos naturais como forças de referência arquetípicas, e cada uma delas pode ter diversas interpretações, conforme segue:

- a) Sol: força vital, energia e iluminação;
- b) Lua: intuição, feminilidade e receptividade;
- c) Mar: inconsciente, profundidade e mistério;
- d) Água: vida, fertilidade e emoções;
- e) Terra: estabilidade, nutrição e materialidade;
- f) Ar: pensamento, comunicação e espiritualidade;
- g) Fogo: transformação, paixão e criatividade.

Outra abordagem possível é considerar os arquétipos como representações dos estágios da vida.

O próprio arquétipo do Herói, amplamente discutido neste texto, a partir desta abordagem, pode representar a fase da adolescência, enquanto o arquétipo do Rei pode representar a fase adulta e o arquétipo do Sábio representar a fase da velhice.

Ainda outra abordagem possível é considerar os arquétipos como representações dos papéis sociais. De acordo com Hobsbawm e Ranger (1984), por exemplo, o arquétipo do Pai representa a figura paterna, o arquétipo da Mãe representa a figura materna e o arquétipo do Professor representa a figura de autoridade.

A abordagem mais adequada depende da perspectiva do observador. No entanto, todas as abordagens têm em comum a ideia de que os arquétipos são imagens e padrões universais que desempenham um papel importante na vida humana.

A possibilidade de acessar os arquétipos através da imaginação é um tema complexo e controverso. No entanto, existem algumas evidências que sugerem que a imaginação pode, de fato, ser uma forma de acessar os arquétipos. As análises arquetípicas oferecem uma perspectiva única para compreendermos como a imaginação pode ser usada para acessar os

arquétipos e promover o desenvolvimento humano.

3. AS APLICAÇÕES DAS ANÁLISES ARQUETÍPICAS

As análises arquetípicas, objetivamente, podem ser aplicadas em diversas áreas, como: a) na psicologia; b) na arte; c) na religião; d) na educação; entre outras. Cada uma delas pode ter diversas aplicações. Veremos alguns exemplos a seguir.

Na psicologia, as análises arquetípicas podem ser usadas para compreender a personalidade, o desenvolvimento e os problemas psicológicos.

As análises arquetípicas, na psicologia, podem ser usadas para:

Compreender a personalidade: os arquétipos podem ser usados para compreender as diferentes dimensões da personalidade, como o ego, o inconsciente e o Self;

Compreender o desenvolvimento: os arquétipos podem ser usados para compreender as diferentes etapas do desenvolvimento humano, como a infância, a adolescência e a idade adulta;

Compreender os problemas psicológicos: Os arquétipos podem ser usados para compreender os diferentes tipos de problemas psicológicos, como a ansiedade, a depressão e a psicose.

Na arte, as análises arquetípicas podem ser usadas para interpretar obras de arte, como pinturas, esculturas e literatura.

Por exemplo, as análises arquetípicas podem ser usadas para:

Interpretar símbolos: os arquétipos podem ser usados para interpretar símbolos que aparecem em obras de arte, como imagens, personagens e cenários.

Compreender o significado: as análises arquetípicas podem ser usadas para compreender o significado de obras de arte, tanto em um nível pessoal quanto em um nível cultural.

Na religião, as análises arquetípicas podem ser usadas para compreender os mitos e símbolos religiosos.

Neste contexto, as análises arquetípicas podem ser usadas para:

Compreender o significado dos mitos: os arquétipos podem ser usados para compreender o significado dos mitos religiosos, que frequentemente representam histórias arquetípicas.

Compreender o significado dos símbolos: os arquétipos podem ser usados para compreender o significado dos

símbolos religiosos, como imagens, objetos e rituais.

Na educação, as análises arquetípicas podem ser usadas para desenvolver currículos e métodos de ensino que sejam relevantes para os arquétipos dos alunos.

As análises arquetípicas, na educação, podem ser usadas para:

Desenvolver currículos: os arquétipos podem ser usados para desenvolver currículos que sejam relevantes para os interesses e necessidades dos alunos.

Desenvolver métodos de ensino: os arquétipos podem ser usados para desenvolver métodos de ensino que sejam eficazes para diferentes tipos de alunos.

Além de todo o exposto, as análises arquetípicas também têm sido utilizadas para compreender uma ampla variedade de fenômenos, incluindo o comportamento e a experiência humana de maneira geral.

Seja para compreender traços, motivações e valores de um indivíduo, seja para compreender o comportamento, incluindo suas escolhas, decisões e ações, ou mesmo para compreender a experiência humana, emoções, sentimentos e relacionamentos, as análises arquetípicas oferecem uma perspectiva única para compreendermos a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Elas podem ser aplicadas em diversas áreas, e em cada uma delas pode oferecer uma vasta contribuição.

4. A MAÇONARIA E SEUS ARQUETÍPOS

Segundo Robson (2018), os arquétipos são uma parte universal da experiência humana, e, como a maçonaria é um recorte social, eles desempenham um papel importante neste cenário etnográfico.

Robson explora a relação entre os arquétipos e a maçonaria e identifica uma série de arquétipos que estão presentes nos símbolos, rituais e ensinamentos. Esses arquétipos incluem:

Os Templos (e Salas de Lojas), que representam o mundo interior do homem, que deve ser purificado e iluminado. Toda os símbolos contidos nos locais de reunião dos maçons, sejam Templos ou Salas de Loja, aludem ao seu processo iniciático e a elementos construtores dos valores que permearão a sua jornada individual de autoconhecimento, que levará o maçom a conhecer e (re) construir seu próprio templo interior.

O arquétipo do herói, que representa a jornada do indivíduo em busca da iluminação. Na maçonaria, o herói é representado pela figura do aprendiz

maçom, que embarca em uma jornada de autodesenvolvimento.

O arquétipo do mentor, que representa a figura que guia e orienta o aprendiz. Na maçonaria, o mentor é representado pela figura do maçom mais experiente, normalmente seu padrinho, que ajuda o aprendiz a compreender os símbolos e os ensinamentos da ordem.

O arquétipo da sombra, que representa as partes inconscientes da personalidade. Na maçonaria, a sombra é representada pela figura do 'profano', que representa o ego e o materialismo. A sombra pode incluir qualidades negativas, como a intolerância, o preconceito, os vícios, a agressividade, a raiva e a cobiça.

O arquétipo do Self, que representa a totalidade da personalidade. Na maçonaria, o Self é representado pela figura do Grande Arquiteto do Universo, que representa o divino.

Robson (2018) compara, ainda, a relação entre os arquétipos e a maçonaria em diferentes culturas e épocas. Ele argumenta que, como os arquétipos são uma parte universal da experiência humana, eles desempenham um papel importante na maçonaria, independentemente da cultura ou da época.

Quando analisamos os diversos arquétipos que podem se apresentar na dinâmica etnográfica maçônica e os analisamos a partir de uma perspectiva abrangente e comparativa, torna-se evidente o fato de que os arquétipos são uma ferramenta valiosa para compreender a maçonaria em um nível mais profundo. Tanto do ponto de vista dos padrões de comportamento de seus indivíduos, quanto do ponto de vista do padrão de comportamento dos seus grupos, sejam Lojas maçônicas ou jurisdições.

Quando comparamos estes arquétipos a jornadas alegóricas, percebemos complementos peculiares que podem facilmente fazer com que qualquer indivíduo pertencente a este grupo etnográfico se identifique.

No mito do herói maçônico, por exemplo, temos uma história arquetípica comum que representa a jornada do indivíduo como uma figura que embarca em uma jornada perigosa para derrotar um vilão e salvar o dia. Seja este vilão ele mesmo, seus problemas sociais ou comportamentais diversos, ou mesmo distopias sociais que os indivíduos façam tal associação.

Tsarion (2006) argumenta que os arquétipos são fundamentais para a

compreensão da maçonaria, ratificando o que os demais autores enfatizam: eles (os arquétipos) estão presentes nos símbolos, rituais e ensinamentos da ordem.

Wessinger (2010) afirma, a partir de uma perspectiva junguiana, que os arquétipos podem ajudar os maçons a compreenderem melhor a si mesmos e ao mundo ao seu redor.

Bell (2021) aborda a relação entre os arquétipos e a maçonaria a partir de uma perspectiva psicológica. Bell argumenta que os arquétipos podem ajudar os maçons a desenvolverem sua personalidade e a crescer como indivíduos.

Ao analisarmos mais profundamente as tradições maçônicas perpetuadas em seus símbolos e alegorias, percebemos que, em dado momento, narrativas arquetípicas foram inseridas propositalmente.

Segundo Hobsbawn e Ranger (1984), o momento histórico de criação da Maçonaria moderna é um período rico em "invenção de tradições". A afirmação diz respeito a construções de alegorias arquetípicas atraentes e associações com origens nobres para atender a certas necessidades de atração e retenção de um grupo seletivo de novos membros.

Provavelmente não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a 'invenção' de tradições nesse sentido. Contudo, espera-se que ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as 'velhas' tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBSBAWN E RANGER, 1984, pág. 12).

Os autores reforçam que se deve entender a expressão 'tradição inventada' como um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado e associação arquetípica padrão.

O poder dos arquétipos vinculados às alegorias maçônicas tem servido de alicerce para a disseminação de suas virtudes construtoras de seus valores.

5. AS ANÁLISES ARQUETÍPICAS E A MAÇONARIA

De acordo com Bell (2021), as análises arquetípicas podem ser aplicadas na maçonaria de diversas maneiras.

No contexto maçônico, as análises arquetípicas podem ser usadas de maneiras variadas. Para Johnson (2022) e Robson (2019), para este grupo etnográfico, as análises arquetípicas podem ser utilizadas primordialmente para: a) compreender a maçonaria; b) para o desenvolvimento individual dos maçons; e c) para o fomento da união entre os membros da instituição.

O primeiro ponto, que se refere à compreensão da maçonaria, as análises arquetípicas podem ser usadas para compreender a maçonaria em um nível mais profundo. Os arquétipos, após mapeados e analisados, podem ser usados para interpretar os símbolos, rituais e ensinamentos da maçonaria.

O arquétipo do herói, por exemplo, pode ser usado para interpretar o mito do herói maçônico para os novos ingressantes e membros mais antigos que estejam passando por dificuldades pessoais ou profissionais, imergindo-o nas alegorias que lhe coloquem no centro da jornada em busca da superação, redenção ou iluminação. O arquétipo do mentor, por sua vez, pode ser usado para interpretar a figura do maçom mais experiente, que muitas vezes precisa ser imergido em estímulos arquetípicos para que despertem para a necessidade de continuar a aprender para conduzir e orientar os aprendizes.

Assim, neste cenário, todos adquirem uma visão mais profunda das instruções recebidas e visualizam aplicações práticas mais eficazes para o bem das Lojas e, conseqüentemente, da instituição maçônica.

No contexto do desenvolvimento individual dos maçons, as análises arquetípicas podem ser utilizadas para ajudar os maçons a compreenderem suas próprias personalidades e a desenvolver seus potenciais.

Ao se trabalhar e analisar o arquétipo da sombra, por exemplo, pode-se ajudar os

maçons a compreenderem melhor suas partes inconscientes e, quem sabe, assim, aprender a integrá-las com o consciente. Já se utilizarmos o arquétipo do Self, de maneira preditiva, pode-se ajudar os maçons a encontrar os motivos reais, muitas vezes não declarados e, por vezes, quiçá conhecidos, que os levaram a ingressar na instituição. Em alguns casos, o maçom (re) descobre até mesmo seu propósito de vida.

Na promoção da união entre os maçons, as análises arquetípicas podem ser usadas para promover experiências mais impactantes e conseqüências positivas duradouras. Os arquétipos podem ser usados para ajudar os maçons a compreenderem as diferenças entre si e a encontrarem pontos comuns.

O arquétipo mais utilizado para esta finalidade, é o arquétipo da fraternidade que, normalmente, pode ser utilizado para promover a união entre os maçons e seus familiares, independentemente de suas diferenças. Por outro lado, arquétipo da igualdade pode ser usado para promover a temperança, tolerância, aceitação e o respeito mútuo entre os maçons. Temas que deveriam ser pacificados e nivelados entre todos os membros da fraternidade maçônica, mas que, na prática, continuam a ser pontos de inflexão no relacionamento diário entre seus membros.

Para Melo (2011), após uma pesquisa aplicada realizada com maçons do Rio Grande do Sul, identificou alguns outros arquétipos importantes no contexto maçônico que geram novas aplicações das análises arquetípicas.

As principais variáveis arquetípicas com análises relevantes no estudo supracitado são a luz e a pedra bruta.

Para Melo (2011) a luz é um arquétipo que representa a verdade, a sabedoria e a iluminação. Segundo o autor, nos rituais maçônicos, a luz pode ser representada de diversas formas. Elas podem ter suas representações, por exemplo, pela chama das velas, por pinturas no teto dos Templos ou Salas de Loja ou por adesivos no fundo dos Templos ou Salas de Loja, atrás da cadeira do Venerável Mestre. A variação se dará de acordo com o a jurisdição ou rito em que a maçonaria está sendo praticada.

A pedra bruta, por outro lado, é representada em todos os ritos e jurisdições e é um arquétipo que representa o potencial

humano. Nos rituais maçônicos, a pedra bruta é sempre associada aos candidatos à iniciação.

Seja na jornada do herói, na compreensão da sombra ou na busca do Self, as análises arquetípicas podem ser uma ferramenta valiosa para os maçons que desejam compreender melhor a si mesmos e ao mundo ao seu redor.

6. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o alcance dos objetivos propostos e dirimir os problemas de pesquisa, a pesquisa de campo baseia-se, como universo estatístico, no número estimado de maçons ativos nas três principais obediências maçônicas atuantes no Brasil: A Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB, a Confederação Maçônica do Brasil – COMAB e o Grande Oriente do Brasil GOB.

É determinante salientar que não existem dados precisos sobre a quantidade de membros destas obediências maçônicas. No entanto, os números disponíveis, publicados pelas próprias em seus sites oficiais ou comunicados em boletins informativos, são: CMSB – aproximadamente 123.000 (cento e vinte e três mil) membros; COMAB – 41.000 (quarenta e um mil) membros; GOB – 73.000 (setenta e três mil) membros. Assim, o universo estatístico, para fins da pesquisa, referente a quantidade maçons brasileiros (nestas obediências) é de 237.000 (duzentos e trinta e sete mil) membros.

Com o objetivo de aumentar a margem de confiança e diminuir a margem de erro da pesquisa a apenas 2% (dois por cento), segundo a tabela sugerida por Arkin e Colton (1995), foi delimitado como amostra a quantidade de 2.500 (dois mil e quinhentos) membros. Após 45 (quarenta e cinco) dias de disponibilização e compartilhamento do formulário, a meta foi atingida e o formulário bloqueado para respostas.

A pesquisa foi construída via Google Forms, utilizando a escala psicométrica de Likert, e aplicada e distribuída via grupos do aplicativo Telegrama com o objetivo de maior amplitude, no período entre março e abril de 2023, apenas para membros das obediências supracitadas.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta etapa, pode-se observar as características dos entrevistados de acordo com sua obediência maçônica, idade, grau e Unidade Federativa.

Quadro 1 – Potência Maçônica dos Respondentes

Potência Maçônica dos respondentes		
CMSB	GOB	COMAB
51%	43,4%	7,6%

Fonte: LERAY, 2024.

A maior parte dos irmãos respondentes foram os jurisdicionados à CMSB, sendo que a esmagadora maioria composta de Mestres Maçons.

Quadro 2 – Grau simbólico dos respondentes

Grau Simbólico dos respondentes		
Aprendiz	Comp.	Mestre
18%	11%	71%

Fonte: LERAY, 2024.

Com relação às idades dos respondentes e respectivas unidades da Federação ao qual são jurisdicionados, observou-se uma pulverização. Assim, houve uma distribuição relativa de baixo desvio padrão no que diz respeito a idade, sem grande concentração nos intervalos preestabelecidos.

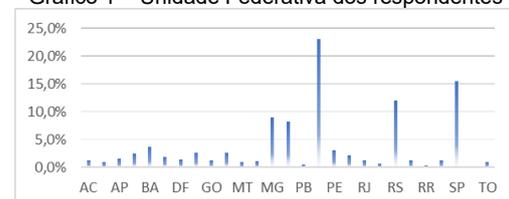
Quadro 3 – Idade dos respondentes

Idade dos Respondentes (em anos)				
21 a 30	31 a 45	46 a 51	52 a 60	60 +
7,0%	32,0%	21,0%	26,0%	14,0%

Fonte: LERAY, 2024.

Com relação à localização dos irmãos respondentes, a maioria se concentrou nos Estados do Paraná, com 23%, São Paulo, com 15,5%, Rio Grande do Sul, com 12%, Minas Gerais, com 9% e Pará, com 8,2%.

Gráfico 1 – Unidade Federativa dos respondentes



Fonte: LERAY, 2024.

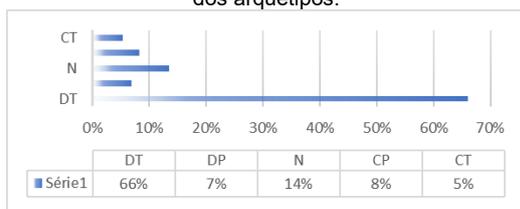
Após a caracterização dos respondentes, analisou-se as suas respostas a partir de três dimensões distintas: conhecimento sobre arquétipos, conhecimento sobre análises arquetípicas e associação de análises arquetípicas com a maçonaria.

Devido à inviabilidade de inserção de todos os 20 (vinte) gráficos no artigo, serão elencados os mais relevantes dentro de cada uma das dimensões para que sejam visualizados.

No tocante à primeira dimensão, o conhecimento sobre arquétipos, 66% dos irmãos responderam que discordam totalmente com a afirmação de que ingressaram na Maçonaria com conhecimentos prévios sobre arquétipos, 78% afirmam não ter recebido nenhum tipo de informações instrucionais maçônicas sobre o tema e, finalmente, 69% informam não ter tido nenhum tipo de contato com a expressão 'arquétipo' no seio da Maçonaria.

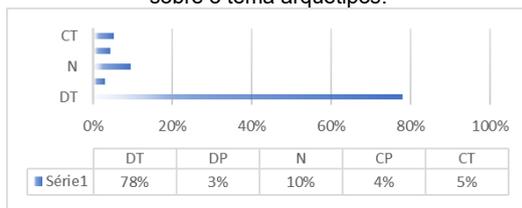
Estes resultados reforçam a hipótese de uma ausência de nivelamento básico sobre o tema no âmbito das Lojas simbólicas brasileiras, o que dificulta a internalização das analogias e associações arquetípicas dos símbolos e alegorias maçônicas.

Gráfico 2 – Ao ingressar na Maçonaria já possuía conhecimentos prévios sobre o conceito e aplicações dos arquétipos.



Fonte: LERAY, 2024.

Gráfico 3 – Recebi informações instrucionais maçônicas, contida nos rituais de minha jurisdição, sobre o tema arquétipos.



Fonte: LERAY, 2024.

Os resultados da primeira dimensão trazem uma preocupação latente significativa, principalmente no contexto atual, onde diversas pesquisas indicam que grande parte da evasão maçônica ocorre devido à percepção negativa no que se refere aos conhecimentos dos mestres, a quem cabe a missão de ensinar.

Também indica uma formação precária dos futuros mestres que, em maioria, por repetição, tendem a apenas replicar aquilo viram e ouvirem.

É crucial, neste ponto, ressaltar que os resultados da primeira dimensão influenciam diretamente os resultados e

avaliações das demais, já que se o perfil etnográfico não possui nivelamento sobre o básico relacionado a arquétipos e nem teve contato com este tema dentro ou fora da Maçonaria, este – obviamente – não teria conhecimento médio sobre as demais dimensões.

Isto exposto e evidenciado, pelo princípio da objetividade, serão suprimidos os gráficos das dimensões seguintes, mas serão apresentados os percentuais das principais variáveis mensuradas.

No que corresponde à segunda dimensão avaliada, conhecimento sobre análises arquetípicas, 79% dos irmãos informam não ter tido acesso a debates sobre tema em suas Lojas ou jurisdições, ao passo que 63% dos irmãos respondentes afirmam sequer conhecer a tal expressão.

Na terceira dimensão avaliada, associação de análises arquetípicas com a maçonaria, 83% dos respondentes ratificam que não tiveram nenhum tipo de associação de instruções maçônicas recebidas ou associação de símbolos e alegorias maçônicas que lhes foram apresentados com análises arquetípicas em suas oficinas ou mesmo suas jurisdições. Seguindo a mesma curva de tendência, 78% afirmam jamais ter tido acesso a quaisquer estudos que vinculassem o tema à maçonaria.

Os resultados da segunda e da terceira dimensão, que puderam ser projetados e antecipados logo após a análise da primeira, evidenciam a carência de nivelamento sobre um tema tão importante para a aprendizagem e internalização dos valores e virtudes transmitidas pela maçonaria.

Outro ponto igualmente evidente é a cultura de formação baseada exclusivamente pelas informações contidas nos manuais, sendo escassos os casos de promoção de estudos e debates sobre temas distintos àqueles obrigatórios nos rituais. Mesmo que sejam temas/ assuntos fundamentais para o entendimento destes mesmos rituais.

A temática proposta neste artigo, como exemplo, não é recente. Os primeiros estudos exclusivamente sobre a associação dos arquétipos com a Maçonaria datam do início da década de 1990 e, ainda assim, parece algo distante da realidade dos maçons das Lojas simbólicas brasileiras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inauguro minhas considerações finais enfatizando que os conteúdos expostos na revisão bibliográfica desenvolvida, eliminam qualquer dúvida sobre a importância das análises arquetípicas no contexto maçônico.

Elas podem ser utilizadas para ajudar os maçons a compreenderem a própria maçonaria, com base nos arquétipos coletivos, linguagens, símbolos e alegorias. Podem ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento individual dos maçons, quando da internalização de seus efeitos e correta utilização de arquétipos específicos associados a alegorias habitualmente trabalhadas nas Lojas. Podem até mesmo funcionar como impulsionador do processo de aproximação dos irmãos e suas famílias sob a ótica do fomento da união entre os membros da instituição.

No entanto, quando buscamos responder aos problemas de pesquisa e atingir o objetivo apresentado, através da pesquisa etnográfica aplicada, verificou-se uma total desconexão dos respondentes com a temática.

A amostra consistente e a utilização de um método validado internacionalmente não nos permitem negar que as Lojas simbólicas brasileiras não têm os arquétipos e seus poderosos impactos como aliados conscientes.

Ainda assim, como ampla e cristalinamente exposto no texto, os arquétipos não carecem de ensinamento prévio ou explicações teóricas para serem entendidos ou replicados. Eles estão lá, são percebidos pelo inconsciente e impactam a todos de maneira fulminante.

Por óbvio, que se tratados conscientemente e como ferramenta de aprendizagem reflexiva, poderia trazer resultados melhores e mais duradouros.

Mesmo considerando que esta investigação foi relevante em diversos aspectos, tornam-se necessárias novas e mais profundas avaliações sobre o assunto. Talvez não focando no conhecimento sobre os arquétipos em si, mas pesquisando o impacto de suas analogias silenciosas no subconsciente dos membros de nossa insigne instituição.

9. REFERÊNCIAS

ARKIN, Herbert.; COLTON, Raymond R. **Tables for Statisticians**. 2. ed. Brasília: SEBRAE, 1995.
BELL, David J. **The Archetypes of Freemasonry: A Psychological Approach**. Leiden: Brill, 2021.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2002.
HILLMAN, J. **O arquétipo da sombra**. São Paulo: Paulus, 1989.
HOBSBAWN, E. e RANGER, T. (Orgs.) **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
JOHNSON, R. E. **The Archetype of the Mentor in Freemasonry**. Wheaton, IL: Quest Books, 2002.
JOHNSON, R. E. **The Archetypes of Freemasonry: A Spiritual Perspective**. Wheaton, IL: Quest Books, 2022.
JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2019.
LEVINE, J. M. MORELAND, R.L. **Key Readings in Social Psychology**. Psychology Press, 2006.
MELO, J. C. **Arquétipos e Maçonaria: Uma análise simbólica**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
NEUMANN, E. **A Great Mother: An Analysis of the Archetype**. 2. ed. Princeton: Princeton University Press, 1964.
OLIVEIRA, A. F., LERAY, M. FERREIRA, R. **A (in) eficácia do modelo de ensino-aprendizagem das lojas simbólicas maçônicas brasileiras**. Ad Lucem, vol. 1, n. 1, p. 29-37, jan./abr., 2021.
ROBSON, M. **The Archetypes of Freemasonry: A Comparative Study**. London: Routledge, 2018.
ROBSON, M. **The Archetype of the Self in Freemasonry**. London: Routledge, 2019.
ROBINSON, J. J. **The Archetype of the Hero in Freemasonry**. New York: Quest Books, 1992.
TSARION, M. **The Archetypes of Freemasonry**. Self-published, 2006.
WALTON, G. M. COHEN, G. L. (2007). **A question of belonging: Race, social fit, and achievement**. In: Journal of Personality and Social Psychology, 92, 82-96.
WESSINGLER, J. A. **Os arquétipos da maçonaria: Uma perspectiva junguiana**. Tradução de José Carlos da Silva. São Paulo: Editora Pensamento, 2010.
WESSINGLER, J. A. **The Archetype of the Shadow in Freemasonry**. Leiden: Brill, 2011.
WOODMAN, M. **Animus: sombra e arquétipo masculino na psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 1985.